

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**VALDINEI SOARES DE OLIVEIRA**

**A FORMAÇÃO DO CIDADÃO IDEAL**  
**NA REPÚBLICA DE PLATÃO**

**CURITIBA**  
**2018**

**VALDINEI SOARES DE OLIVEIRA**

**A FORMAÇÃO DO CIDADÃO IDEAL  
NA REPÚBLICA DE PLATÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção de título de Especialista em Filosofia, pelo curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Me. Antônio Djalma Braga Junior

**CURITIBA**

**2018**

“Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar nessa linguagem emprestada.”

Karl Marx

## RESUMO

O objetivo do presente trabalho é analisar que tipo de homem (cidadão) Platão almeja “formar” para viver em sua cidade ideal. A República constitui um projeto ambicioso de reforma da sociedade e do homem. A educação visa a formação de um homem virtuoso, justo. Mas a República é incompreensível se não se levar em conta a metafísica platônica. A formação da sociedade ideal visa também a formação de um homem ideal. Platão não está preocupado com o mundo em que vivemos, o mundo sensível. A existência no mundo sensível é um momento de passagem das almas por um mundo inferior, onde nada é verdadeiro. O projeto utópico de Platão tem uma estreita relação com o mundo transcendental das ideias, que está em uma outra dimensão. Esta relação afeta todo o projeto de reforma da sociedade. Ela precisa ser analisada, pois o aperfeiçoamento que Platão visa para os cidadãos da República se propõe a elevá-los para além do mundo sensível. A cosmologia platônica será abordada, pois é a alma, não as condições sociais dos membros da República, que importa. Platão até julga que algum sacrifício é necessário para a ascensão da alma ao mundo das ideias. A educação deste cidadão ocupa a parte central da utopia de Platão, pois ele pretende um aperfeiçoamento do homem em bases não somente racionais, como física também. Os filósofos assumem um papel fundamental neste projeto, pois serão os mestres e governantes desta República. Um projeto desta envergadura tem um custo político, social e afetivo tremendo para os membros da República. Este trabalho pretende analisar com os alunos como seria viver numa sociedade deste tipo.

**Palavras-chave:** Platão. Utopia. Justiça. República. Educação. Filosofia.

## ABSTRACT

The objective of the present work is to analyze what kind of man (citizen) Plato aims to "train" to live in his ideal city. The Republic is an ambitious project of reforming society and man. Education is aimed at the formation of a virtuous, just man. But the Republic is incomprehensible if Platonic metaphysics is not taken into account. The formation of the ideal society also aims at the formation of an ideal man. Plato is not concerned with the world we live in, the sensitive world. Existence in the sensible world is a moment of passage of souls through an inferior world where nothing is true. Plato's utopian project has a close relationship with the transcendental world of ideas, which is in another dimension. This relationship affects the whole project of reform of society. It needs to be analyzed, because the perfection that Plato intends for the citizens of the Republic proposes to elevate them beyond the sensible world. Platonic cosmology will be addressed, because it is the soul, not the social conditions of the members of the Republic, that matters. Plato even thinks that some sacrifice is necessary for the soul's ascension to the world of ideas. The education of this citizen occupies the central part of Plato's utopia, since he intends a perfection of man on bases not only rational, but also physical. Philosophers assume a fundamental role in this project, because they will be the masters and rulers of this Republic. A project of this magnitude has a tremendous political, social, and affective cost to the members of the Republic. This work intends to analyze with the students what it would be like to live in a society of this type.

**Key words:** Plato. Utopia. Justice. Republic. Education. Philosophy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>1 CAPÍTULO I – O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA REPÚBLICA.....</b>	<b>08</b>
1.0 A cosmologia platônica.....	08
1.1 Metempsicose.....	08
1.2 A teoria do conhecimento.....	09
1.3 Sócrates e seus interlocutores.....	09
1.4 A origem da cidade.....	10
1.5 O conceito de justiça de Platão.....	10
1.6 Divisão social da República.....	11
1.7 A educação da juventude na República.....	12
1.8 A classe dos guardiães e sua educação.....	14
1.9 A educação pela música.....	18
1.10 A prática da eugenia.....	20
1.11 O papel das mulheres na República.....	22
1.12 A educação dos filósofos governantes.....	24
1.13 O filósofo rei.....	26
1.14 Considerações sobre o legislador da República.....	26
<b>2 CAPÍTULO II - PROCEDIMENTO DIDÁTICO PARA APLICAR ESTE CONTEÚDO EM SALA DE AULA.....</b>	<b>28</b>
<b>3 CAPÍTULO III - RESULTADOS OBTIDOS COM O TEMA EM SALA DE AULA.....</b>	<b>30</b>
3.1 Análise da atividade.....	30
3.2 Considerações sobre a atividade em sala de aula.....	32
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisar a República de Platão, numa leitura crítica deste projeto político e depois trabalhar este conteúdo com os alunos quando tratasse de filosofia política. A utopia platônica possui relevância por ter servido de modelo para todas as outras utopias que surgiram ao longo da história da filosofia. A proposta política de Platão é tão radical, que sempre tive a curiosidade de saber qual seria a reação dos estudantes a esta reforma da sociedade. Não pretendia me ater apenas a questão política, mas ampliar a análise para o âmbito metafísico, a qual a República está relacionada. O projeto se revelou mais ambicioso do que sua realização prática permitiu.

Este conteúdo foi trabalhado com os alunos do 2º ano do Ensino Médio, em filosofia política, no segundo trimestre de 2018. O tema era a utopia. Foram cinco turmas em três escolas estaduais de Curitiba e Piraquara. Os detalhes e resultados estão descritos nas seções específicas deste trabalho.

Platão tem a honra de iniciar esta tradição de utopias que se pretende apresentar como sociedades ideais. Sua obra, a República, pretende reformar a sociedade e o homem, visando uma realidade mais justa. Seu projeto é político-pedagógico. Não pretende apenas reformar as estruturas sociais de Atenas, mas também reformar o homem, que com raras exceções, não estava no caminho certo da sabedoria. Estas exceções eram os filósofos, mas não todos. A filosofia é a base desta nova sociedade. Embora tenha um fundo religioso, a República platônica não é um estado teocrático, pois os seus líderes são filósofos. O conhecimento e a ética são o norte deste novo mundo e deste novo homem. As questões econômicas não preocupam Platão. Ele não está preocupado com as desigualdades sociais. Ele poderia dizer como o Cristo: “Meu reino não é deste mundo”.

A questão principal desta pesquisa diz respeito ao processo político-pedagógico da República, que visa formar um novo homem “Segundo Jaeger não é a lógica nem a teoria do conhecimento que devem ser considerada como os dois focos da obra de Platão, mas a politeia e a paideia”.<sup>1</sup> A concentração das atenções nesta refundação do homem afetará as estruturas sociais e políticas que se conhece. Nada será como antes. O bom

---

1 Cassirer, Ernest, **O mito do Estado**, Editora Codex, São Paulo, p. 85, 2003

entendimento deste processo só se dará com uma análise preliminar da concepção de mundo Platônica. Sem esta análise, a República soa estranha ao nosso entendimento.

Platão dá a impressão de que está racionalizando as concepções mitológicas da tradição grega “Todas as grandes tendências intelectuais que formam a cultura grega foram conservadas na doutrina de Platão – embora nenhuma delas em sua forma original.”<sup>2</sup> Ele é herdeiro, como todos, de uma tradição que não consegue ignorar nem superar. Não conseguindo descartá-la, ele a racionaliza. Os mitos se apresentam no discurso platônico com uma roupagem racional. O fundo do pensamento platônico é religioso, mas é uma religião racional, onde o ser supremo, o Bem, se sustenta por meio de argumentos racionais e não pela fé. O conhecimento é o caminho para a redenção.

Platão pretendia criar uma comunidade de filósofos. Os guardiães, que acabam por formar uma casta, também são filósofos. Não possuem a sofisticação intelectual dos magistrados, mas não deixam de ter uma formação adequada para fazer parte da República. Todos os membros da cidade ideal passam por uma formação filosófica. A formação de filósofos é o objetivo de todo o processo político-pedagógico. A cidade ideal seria uma espécie de local privilegiado para um encontro de espíritos elevados, isto é, espíritos platônicos.

---

2 Cassirer, Ernest, **O mito do Estado**, Editora Codex, São Paulo, p. 84, 2003

## **CAPÍTULO I – O PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DA REPÚBLICA**

### **1.0 A cosmologia platônica**

A metafísica de Platão divide a realidade em duas: mundo das ideias e mundo sensível. São duas realidades distintas, mas interligadas. Uma é verdadeira e a outra falsa. Uma é real e a outra uma ilusão. O mundo das ideias, superior, curiosamente, é a origem do mundo sensível, inferior.

Compreender esta dualidade é compreender a situação do homem no mundo e de seu destino. O mundo das ideias é a realidade superior, única real, verdadeira, origem do mundo inferior, sensível, material, mero reflexo das ideias, das formas. As formas são a essência das coisas do mundo sensível.

Todos nós, humanos, fizemos parte desta realidade superior, supralunar, como almas que contemplavam extasiadas as formas. A metafísica platônica é complexa e resumi-la é algo temerário. Platão a aborda em diversas de suas obras e analisá-la detalhadamente escapa do escopo deste trabalho. Não é tanto este mundo das ideias que se pretende estudar, mas sim a concepção de uma utópica República que possa facilitar aos homens a reconquista do paraíso perdido.

No centro do universo platônico está o Bem, como a entidade suprema, um sol a iluminar tudo. O Bem está acima de tudo, das formas, do demiurgo que criou as almas e as colocou em um corpo. Como disse Bertrand Russell, a ideia do bem vicia todo o discurso platônico.

### **1.1 A metempsicose**

As almas fazem parte deste mundo superior, mas por algum motivo que não está muito bem explicado, elas caem para o mundo inferior, sublunar, e encarnam num corpo, que é uma espécie de túmulo para ela. Aqui começa a via crucis da alma no mundo da matéria para recuperar sua condição anterior de bem-aventurança.

Neste momento, as almas não são más, não estão sendo punidas, não há claramente esta ideia nas obras de Platão. “Um tal sentimento de uma falta metafísica procurar-se-ia em vão em Platão”<sup>3</sup>. É como se precisassem passar por uma provação. As almas encarnadas são de natureza boa, tanto que nascem humanas em tribos primitivas, que ainda não foram corrompidas pela sociedade. Mas o corpo pode exercer tal influência

---

3 Goldschmidt, Victor, **A Religião de Platão**, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970, p.78

em sua natureza que elas se corrompam completamente e não consigam mais retornar ao mundo das ideias. Algumas almas, em reencarnações futuras, podem escolher o corpo que quiserem, de acordo com a natureza que estão desenvolvendo “Existem modelos de vida de todas as espécies: vidas de animais e vidas de homens, vidas de dinastias e de particulares, de homens famosos ou obscuros...”<sup>4</sup>. A degradação pode ser tanta que há almas que preferem reencarnar em corpos de lobos, para melhor exercerem sua ferocidade. A ascensão e a degradação varia de uma alma para outra e algumas se mostram irrecuperáveis.

## **1.2 A teoria do conhecimento**

A teoria do conhecimento platônica está estritamente relacionada com sua concepção de mundo. Conhecer é recordar o que se sabia e se esqueceu na encarnação da alma e ao longo das existências no mundo sensível. O conhecimento do mundo sensível é inútil, pois é o conhecimento de sombras. Para quem já conheceu o mundo das essências, o mundo sensível não quer dizer nada.

As almas humanas já contemplaram a excelência das formas que são a essência das coisas que se apresentam aos nossos sentidos. O homem precisa voltar-se para si mesmo, a sua razão, em busca da verdade. A verdade não está no mundo, mas em nossa memória, obscurecida tanto pelo corpo quanto pelo tempo, pois muitos já passaram por diversas existências terrestres. As formas são como ideias inatas, que trazemos na memória e precisam ser resgatadas. Este encontro com as essências fará com que nosso espírito se volte para as alturas e se distancie das coisas do mundo sensível. Quanto mais compreendemos as essências, mais nos distanciamos das coisas, do engano, do erro que nossos sentidos permitem.

## **1.3 Sócrates e seus interlocutores**

O debate sobre a necessidade de criação de uma cidade ideal se concentrou na República e no diálogo Leis. São duas obras essenciais para se compreender o projeto político platônico. A República começa com um debate sobre o que é a justiça e avança para a reforma da sociedade. Não era possível, para Platão, elaborar um projeto racional de sociedade em bases corrompidas como eram as da democracia ateniense. É

---

4 Goldschmidt, Victor, **A Religião de Platão**, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970, p. 84

conhecida a aversão de Platão pela democracia, baseada em uma participação de todos os cidadãos na vida pública, quer sejam nobres ou plebeus.

Como todo bom filósofo, Platão busca o fundamento das coisas. O fundamento da política é, em sua visão, a justiça. Daí porque a República começa com um debate sobre ela. Sócrates assume o centro do debate, como sempre. Os interlocutores são meros coadjuvantes nesta aventura do conhecimento. Mesmo o sofista Trasímaco se apresenta não como um adversário à altura, mas como um descontrolado emocional, que mais ataca Sócrates do que argumenta. Logo é silenciado. Nenhum de seus interlocutores, neste diálogo, está a altura do debate. A República apresenta-se como um longo monólogo de Sócrates sobre a cidade ideal. Mesmo quando está dialogando com alguém, Sócrates está manipulando para controlar sua mente e encaminhá-lo para onde ele quer e como quer. Prefere dialogar com os jovens, mais sugestionáveis, e sua República demonstra que não se preocupa com a formação dos adultos.

#### **1.4 A origem da cidade**

A cidade surgiu das necessidades humanas que são múltiplas e, portanto, forçam os homens a se agruparem a fim de satisfazerem-nas. Esta organização social surgiu de improviso e seus problemas foram sendo resolvidos à medida que surgiam. Um mundo assim organizado apresenta muitas imperfeições. Todas as sociedades apresentam estas deficiências, pois não foram criadas com um objetivo que transcendesse meros interesses econômicos e de segurança, para citar apenas os mais fundamentais. Platão oferecerá a sua República um fim que a elevará entre as nações: a justiça.

#### **1.5 O conceito de justiça de Platão**

Iniciar um debate sobre a justiça, discutindo o que é a justiça em si, absoluta, dá a impressão de que se está diante de uma dificuldade quase intransponível. É por isso que o debate sobre a justiça, na República, leva a uma decepção, pois se espera algo mais transcendental, mas o que Platão entende como justiça é algo bem mais prático e prosaico. A justiça na República é cada um saber qual é o seu lugar na sociedade e contribuir para o bom funcionamento dela.

“Então amigo, continuei, pode muito bem dar-se que nisso, precisamente, consiste a justiça: cuidar cada um do que lhe diz respeito. Sabes de onde tiro essa conclusão? A meu parecer, lhe disse, a restante virtude da cidade por nós planejada, afora as três mencionadas acima: temperança, coragem e sabedoria,

tem de ser a que empresta força para que as outras surjam e, uma vez existentes, pelo simples feito de sua presença, subsistam por quanto tempo ela dura”.<sup>5</sup>

Justiça é algo bem simples e ao mesmo tempo complexo, dá sustentação as outras virtudes, pois o homem tem que saber qual é o seu lugar na comunidade e se adequar a este papel. A República projeta uma reforma social que visa, primordialmente, uma reforma do homem. Um novo homem precisa ser formado para habitar esta cidade ideal. O homem da época de Platão estava corrompido pelo individualismo que a democracia ateniense fomentava, quando consultava os cidadãos para fazer a guerra e a paz, escolher as autoridades, elaborar as leis, atuar como juízes, etc. A sociedade ideal de Platão precisa de um tipo diferente de cidadão, alguém militarizado

“O maior de todos os princípios é que ninguém, seja homem ou mulher, deve carecer de um chefe. Nem deve a mente de qualquer pessoa ser habituada a permitir-lhe fazer ainda que a menor coisa por sua própria iniciativa, nem por zelo, nem por prazer. Na guerra como em meio à paz, porém, deve ela dirigir a vista para seu chefe e segui-lo fielmente. E mesmo nas mais ínfimas questões deve manter-se em submissão a essa chefia. Por exemplo, deve levantar-se, ou mover-se, ou lavar-se, ou tomar refeições... apenas se lhe for ordenado que o faça. Numa palavra, deve ensinar sua alma, por hábito prolongado, a nunca sonhar em agir independentemente e a tornar-se totalmente incapaz disso”.<sup>6</sup>

Eis o cidadão ideal da República de Platão: um autômato. Isto está tão longe do que se entende como objetivo da filosofia, que se tem dificuldade de pensar que quem está propondo este modelo de formação seja um dos pensadores fundamentais da filosofia.

## 1.6 Divisão social da República

A República apresenta uma divisão social que é importante conhecer porque ela definirá o tipo de educação que receberá os seus membros. Platão divide a sociedade em três classes: povo, guardas e governantes. Não é uma divisão gratuita ou que reflita os interesses da comunidade. Ela é essencial para o tipo de sociedade que pretende criar. O papel dos guardas na República é tão importante, que eles não constituem tão somente uma classe, mas evoluem para uma casta, sendo retroalimentada e receberão uma educação especial, pois darão origem aos futuros governantes.

O papel de cada uma destas classes está bem definido pela República, que precisa que cada um de seus membros saiba exatamente qual é o seu lugar. A justiça consiste

---

5 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 433 a, p. 185.

6 Popper, Karl R. **A Sociedade Aberta e Seus Inimigos**, Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1974. Vol. 1, p. 21.

nesta conscientização: cumprir suas obrigações sociais como foi definido, primeiro pelo fundador da República, neste caso o legislador Platão, representando por Sócrates no diálogo e depois pelas autoridades, os filósofos platônicos, devidamente formados para o papel de governantes. Platão sabe que a sociedade de seu tempo jamais concederia aos filósofos esta primazia, pois os filósofos são mal vistos pela sociedade ateniense:

“Mas a acusação maior e mais violenta que fazem à filosofia é de longe a que lhe vem através dos que afirmam dedicar-se a estes estudos, e acerca dos quais declaras que o detrator da filosofia proclama que é perversa a maioria dos que a ela se dedicam, e que os mais equilibrados são uns inúteis”.<sup>7</sup>

No entanto, não diz como será possível a implantação de seu projeto político-pedagógico. Não há como operar uma mudança tão radical da sociedade sem o uso da força, pois ela transformará o modo de vida da cidade. Atenas já tinha se us preconceitos para com os filósofos para ceder o poder a eles. Como era uma democracia, os filósofos podiam se candidatar aos cargos públicos. Mas Sócrates desprezava tanto a democracia que raramente ocupava uma função pública. Platão nunca ocupou um cargo público em Atenas. Candidatar-se a um cargo não estava em seus planos, mas atuar como legislador, sim.

Platão não pretende uma sociedade igualitária. Seu conceito de justiça não contempla esta possibilidade. Aristocrata, ele tem os seus preconceitos com as outras classes sociais. Cada uma das classes sociais da República receberá uma educação apropriada a sua função na sociedade. Ele dedicará uma atenção especial aos guardiães, quer seja na seleção de seus integrantes, quer seja na sua formação física e intelectual.

Platão dá a impressão de que a formação desta elite guerreira, será, no futuro, uma casta, que proverá os novos habitantes da cidade; pessoas física e intelectualmente superiores aos demais moradores da cidade. O fato de serem isolados dos outros habitantes, compartilharem entre si as mulheres, também selecionadas, encaminha o processo para a segregação dos demais cidadãos da República, que seriam como servos da elite guerreira e intelectual. Algo semelhante com o que aconteceu na Idade Média com a servidão. Uma elite aristocrática, que se dedicava as coisas do espírito e da guerra, enquanto o povo era mantido na ignorância e pobreza.

## 1.7 A educação da juventude na República

---

7 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 489 d, p. 275.

Esta é uma educação que deve começar na infância, pois depois de um determinado período, os jovens já estariam corrompidos pelos valores dos pais. As crianças seriam retiradas das famílias aos 10 anos, enquanto os demais habitantes da cidade seriam encaminhados para o campo.

“Todos aqueles que tenham ultrapassado os dez anos, na cidade, a esses mandá-los-ão todos para os campos; tomarão conta dos filhos deles, levando-os para longe dos costumes actuais, que os pais também têm, criá-los-ão segundo a sua maneira de ser e as suas leis, que são as que já analisámos. E assim, da maneira mais rápida e mais simples, se estabelecerá o Estado e a constituição que dizíamos, fazendo com que ele seja feliz e que o povo em que se encontrar valha muito mais”.<sup>8</sup>

Algo parecido foi feito no século XX pelo Khemer vermelho no Camboja, deslocando a população das cidades para o campo, com o objetivo de reeducá-la nos princípios do comunismo, com resultados catastróficos para as suas vítimas. Mas faz sentido, pois a população fica dispersa em propriedades distantes uma das outras, o que diminui a possibilidade de sedições. O legislador nada mais diz sobre esta população segregada no campo. Aparentemente está excluída da cidade ideal, como os escravos em Esparta.

A educação na República passa por um longo processo, na qual irá se definindo as aptidões de cada um e sua futura posição na sociedade. Até os vinte anos todos recebem a mesma formação, baseada na ginástica e na música. Uma fortalecerá o corpo e a outra tem a função de desenvolver as habilidades intelectuais. Música para Platão não tem exatamente o sentido que nós damos para ela, como veremos a seguir.

Esta primeira fase, que irá até os vinte anos, possibilitará aos educadores a realização do primeiro corte, destinando os menos qualificados intelectualmente, as almas de bronze, para as atividades práticas: agricultura, artesanato, comércio, etc. Serão os que sustentarão as demais classes com o seu labor físico.

Os demais continuam estudando por mais dez anos, até aos trinta anos, quando haverá nova seleção, definindo os que serão destinados a função de guardiões da cidade, as almas de prata, que possuem a virtude da coragem. Esta classe social será examinada com mais detalhes, pois é dela que surgirão os governantes da República.

Os mais notáveis, aqueles que demonstrassem aptidões intelectuais excepcionais, os superdotados, as almas de ouro, raríssimos, continuariam os estudos na arte da dialética, com o objetivo de alcançar a essência das coisas e transmiti-las aos demais.

---

8 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9ª Edição, 1949, 541 a, p. 359.

Esta formação se estenderia por mais vinte anos, até os cinquenta anos, quando poderiam assumir os cargos de magistrados na República.

### 1.8 A classe dos guardiães e sua educação

Platão dedica uma parte substancial de seu diálogo na criação desta guarda especial, pois dela dependerá a implantação de seu projeto político-pedagógico. Os guardas cuidarão da guerra e da ordem interna da República. Numa linguagem moderna, possuem uma função policial. Mas mais do que isto, desempenharão um papel de polícia política, pois não cuidam apenas de reprimir o crime, mas de manter a ordem política estabelecida. Eles vigiam e reprimem os outros cidadãos, quando saem da linha. Possuem também o papel de implementar as novas medidas que o filósofo rei estabelecerá para a cidade. Sua escolha e formação exigem cuidados especiais “proceder à escolha daqueles de qualidades e natureza apropriadas para a custódia da cidade.”<sup>9</sup>

As pessoas que estão qualificadas para o cargo de guardiães precisam ter algumas virtudes “Por conseguinte, será por natureza filósofo, feroso, rápido e forte quem quiser ser um perfeito guardião da nossa cidade”.<sup>10</sup> Platão os compara aos cães de raça. A educação deles se concentrará em duas disciplinas: ginástica para o corpo e música para a alma. O corpo precisa ser forte e a alma cultivada. Platão não quer um bruto como guarda.

O que Platão entende como música é algo mais amplo do que entendemos hoje “Incluis na música a literatura, ou não? Decerto”.<sup>11</sup> Aqui entramos no universo da oratória e da poesia. É preciso selecionar o que vai ser ministrado aos guardas e aos demais cidadãos, pois “há duas espécies de literatura, uma verdadeira, e outra falsa!”.<sup>12</sup>

A República platônica objetiva um controle absoluto da vida social, intelectual e artística. As artes passarão por um pente fino, para se selecionar as obras edificantes, pois a maioria das criações artísticas da época eram de péssima qualidade para a formação do caráter. Os artistas estão preocupados em entreter o público, quando o que importa é educá-lo. Toda produção artística deve ter um caráter didático, visando criar uma alma virtuosa, tendo a justiça como fim. Não se pode esquecer que a criação da República busca tornar a sociedade virtuosa, limpa, para que os espíritos se engrandeçam na verdade.

---

9 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 374 e, p.82.

10 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 376 c, p. 85.

11 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 376 e, p. 86.

12 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 376 e. p. 86

Todo um universo cultural precisa ser desconstruído para que a verdade se estabeleça. O reino da verdade que está no mundo das ideias deve imperar no universo, mesmo que as formas não façam parte deste mundo material. Os artistas que não se adequarem ao novo modelo de discurso serão banidos da nova sociedade.

“Logo, devemos começar por vigiar os autores de fábulas, e selecionar as que forem boas, e proscrever as más. As que forem escolhidas, persuadiremos as mães e as mães a contá-las às crianças, e a moldar as suas almas por meio das fábulas”.<sup>13</sup>

Os principais artistas da Grécia seriam expulsos da República: Homero, Hesíodo, Esquilo e Sófocles. Eles não oferecem uma ideia verdadeira do divino e em suas obras revelam deuses com paixões humanas, manifestações de ira, injustiça, atrocidades e outros. Não que isto não seja verdade, mas deve ser de acesso restrito, a um público privilegiado, preparado para compreendê-la

“ainda que supuséssemos ser verdade, não deviam contar-se assim descuidadamente a gente nova, ainda privada de raciocínio, mas antes passar-se em silêncio; mas, se fosse forçoso referi-lo, escutá-lo-iam em segredo, o menor número possível de pessoas”.<sup>14</sup>

Um aspecto até então oculto da personalidade deste legislador começa a se revelar. Sócrates não é contra a falsidade do governante, desde que esta falsidade esteja imbuída de um projeto maior de grandeza. Quando se trata do governo, ao filósofo rei é permitido enganar os cidadãos para o bem da sociedade. Assim como o príncipe de Maquiavel, o filósofo rei tinha seus privilégios e estava acima do bem e do mal em seu reino.

O que causa estranheza é que a imagem que se tem da filosofia é que esta cobra de seus participantes que eles sejam verdadeiros e éticos. Como conciliar esta busca da verdade com as contingências da política? Platão, mesmo numa cidade idealizada, não consegue escapar da Realpolitik.

A atenção do legislador Sócrates se volta para a concepção de divindade dos formadores de opinião do mundo grego, os poetas. Enquanto sua concepção da divindade transcende nossa realidade, a concepção dos artistas estava presa as aparências. O bem, que está no centro de tudo, só pode ser justo, verdadeiro. As divindades do panteão grego devem expressar esta realidade superior. Reformar esta concepção da divindade está entre os seus objetivos republicanos. Os poetas não são

---

13 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 377 c, p. 87.

14 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 378 a, p. 88.

confiáveis quando tratam dos deuses, como fez Ésquilo “Deus faz surgir uma falta no homem, quando quer arruinar por completo uma casa”.<sup>15</sup> O controle do discurso, do que é permitido, e mais importante, a criação de um discurso oficial começa a se manifestar.

“Que se diga que o deus, sendo bom, foi causa de desgraça para alguém, é coisa que se deve combater por todos os processos, para que ninguém faça afirmações dessas na sua própria cidade, se quer que ela tenha uma boa legislação, nem pessoa alguma, velha ou nova, oiça contar tais histórias”.<sup>16</sup>

Uma nova ideologia substituirá a antiga. O discurso racional será a nova música da República. A filosofia se instala no coração da República como a nova fonte de saber. Os poetas devem ceder espaço aos refundadores da nação, os pensadores platônicos. A República será o reino da razão.

A educação dos guardas precisa também considerar o inferno, pois a imagem que os poetas apresentam deste consiste em atemorizar as pessoas, o que não é benéfico para os guardas, pois estes não devem temer a morte. O mundo criado pelos poetas será gradualmente suprimido pelo discurso racional, onde a verdade assume o lugar da imaginação.

“Por conseguinte, temos, parece-me, de exercer vigilância também sobre os que tentam narrar estas fábulas e de lhes pedir que não caluniem assim sem mais o que respeita ao Hades, mas que antes o louvem, quando não as suas histórias não são verídicas nem úteis aos que se destinam ao combate”.<sup>17</sup>

Platão reconhece a excelência de Homero como poeta, mas suas criações artísticas não são adequadas para a formação de valentes “quanto mais poéticas, menos devem ser ouvidas por crianças e por homens que devem ser livres e temer a escravatura mais do que a morte”.<sup>18</sup> As obras terão trechos eliminados que apresentem gemidos e lamentos dos heróis. Os guardas serão preparados para suportar as piores adversidades com moderação “Logo, para ele é menos terrível ser privado de um filho, ou de um irmão, ou de riquezas, ou de qualquer bem desta espécie”.<sup>19</sup>

O riso também não é adequado ao guerreiro, que deve ser sério em suas atividades. O riso deforma as pessoas, tornam-nas debochadas “Mas, na verdade, também não devem ser amigos de rir; porquanto quase sempre que alguém se entrega a

---

15 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 380 a, p. 92.

16 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 380 c, p. 114.

17 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 386 c, p. 101.

18 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 387 b, p. 103.

19 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 387 e, p. 104.

um riso violento, tal facto causa-lhe uma mudança também violenta”.<sup>20</sup> Portanto, Homero deve ser podado quando apresenta os deuses desta forma “Um riso inextinguível se ergueu entre os deuses”.<sup>21</sup>

Quando se sabe que a obra de Homero é considerada fundadora da civilização grega, o ataque de Platão a ela expressa sua intenção de substituí-la em sua República pelas obras filosóficas. A filosofia substituirá a poesia como fonte de orientação do povo grego. Uma nova mentalidade se pretende instalar no mundo grego. Platão não admite a convivência de concepções de mundo diferentes. O discurso racional se apresenta como feroz inimigo da diversidade artística e cultural.

Neste caso, há de se convir, que a comédia será inteiramente banida, pois apresenta as pessoas, mesmo as mais respeitáveis, no que elas tem de mais caricatural “não é admissível que se representem homens dignos de consideração sob a ação do riso; e muito pior ainda, se se tratar de deuses”.<sup>22</sup>

Não que o legislador Sócrates tenha muita preocupação com a verdade, pois reconhece que a mentira tem alguma utilidade, quando utilizada pelos governantes filósofos “Portanto, se a alguém compete mentir, é aos chefes da cidade, por causa dos inimigos ou dos cidadãos, para benefício da cidade; todas as restantes pessoas não devem provar deste recurso”.<sup>23</sup> Os poetas estão banidos, mesmo quando dizem a verdade, se não for do interesse do governante difundir suas ideias. A República passa a se fundamentar não na verdade, mas na propaganda, para usar um termo moderno “Com efeito, já se disse como se deve falar acerca dos deuses, das divindades, dos heróis e das coisas do Hades”.

Os poetas devem trabalhar com heróis ideais, com valores de bravura, temperança, controle emocional. Uma literatura edificante é proposta. Toda uma literatura será reescrita para circular na República. Homero será censurado quase verso a verso, uma mutilação que não constrange Platão nem seus interlocutores

“Porque, segundo julgo, diríamos que os poetas e prosadores proferem os maiores dislates acerca dos homens: que muitas pessoas injustas são felizes, e desgraçadas as justas, e que é vantajoso cometer injustiças, se não forem descobertas, que a justiça é um bem nos outros, mas nociva para o próprio. Tais opiniões, dir-lhes-famos que se abstivessem delas, e prescrever-lhes-famos que cantassem e narrassem o contrário”.<sup>24</sup>

---

20 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 388 a, p. 107.

21 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 389 a, p. 107.

22 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 389 a, p. 107.

23 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 389 c, p. 108.

24 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 392 b, p. 114.

Os guardiães devem ser imitadores apenas de gestos nobres, desde a infância, com uma natureza moldada para se ocupar apenas de sua função, que é a manutenção da ordem na sociedade. Platão se refere a algo que é fundamental em seu discurso: a liberdade do estado para fazer o que bem entende com os cidadãos, a cultura, a religião e a organização social. A liberdade é do Estado, não das pessoas.

“Os nossos guardiões, isentos de todos os outros ofícios, devem ser os artífices muito escrupulosos da liberdade do Estado, e de nada mais se devem ocupar que não diga respeito a isso, não hão-de fazer ou imitar qualquer outra coisa”.<sup>25</sup>

Dedicar-se ao seu papel social é agir com justiça. Platão não aceita que um sapateiro opine sobre política, pois não está qualificado para tanto. Ele quer restringir o máximo possível qualquer diversidade de ocupações em um indivíduo: ao sapateiro, compete fazer sapatos; ao médico, curar; aos guardiães, a segurança e aos filósofos, governar.

“Não é por esse motivo que só numa cidade assim encontraremos um sapateiro que é sapateiro, e não piloto, além da arte de talhar calçado, e um lavrador, lavrador e não juiz, além da agricultura, e um guerreiro, guerreiro, e não comerciante, além da arte militar, e assim por diante?”<sup>26</sup>

Um mundo assim é mais fácil de controlar. Cada um no seu devido lugar, sem querer opinar sobre o que não entende. Com isto ele resguarda para o filósofo, tão-somente, a arte de governar “porquanto não existe entre nós homem duplo nem múltiplo, uma vez que cada um executa uma só tarefa”.<sup>27</sup>

## 1.9 A educação pela música

Quando trata da música verifica-se que a mesma medida é adotada. Não quer complexidades, criatividade, mas uma simplificação e por isso é contra a mistura de estilos do canto e da melodia: o ritmo e a melodia devem privilegiar a alegria, o otimismo e nunca as queixas e lamentos. As harmonias tristes serão banidas. Atualizando este discurso, só seriam admitidas na República hinos cívicos, que exaltassem a bravura, a vitória, a pátria. O controle se estende aos instrumentos musicais, sendo permitidos apenas a lira, a cítara e a siringe.

---

25 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 395 c, p. 120.

26 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 397 e, p. 124.

27 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 397 e, p. 124.

“Vamos lá então purificar o resto. A seguir às harmonias, deveremos tratar dos ritmos — não os procurar variados, nem pés de toda a espécie, mas observar quais são os correspondentes a uma vida ordenada e corajosa”.<sup>28</sup>

A República quase se torna uma caserna, com tudo regrado, limitado, controlado. Os artistas mais criativos, seriam convidados a retirar-se da cidade com todas as glórias

“Mas, para nós, ficaríamos com um poeta e um narrador de histórias mais austero e menos aprazível, tendo em conta a sua utilidade, a fim de que ele imite para nós a fala do homem de bem e se exprima segundo aqueles modelos que de início regulamos, quando tentávamos educar os militares”.<sup>29</sup>

A formação dos guardas é para Platão mais importante do que a de qualquer outra classe da República. Sua República não existiria sem a repressão sistemática dos elementos antissociais. Os guardas devem ser moderados em tudo, principalmente nas festividades, pois “nada convém menos aos guardiões do que a embriaguez, a moleza e a preguiça”.<sup>30</sup> A prontidão deve ser uma virtude desenvolvida ao extremo, pois os guardas são fundamentais para a segurança interna e externa.

“Mas então só aos poetas é que devemos vigiar e forçá-los a introduzirem nos seus versos a imagem do carácter bom ou então a não poetarem entre nós? Ou devemos vigiar também os outros artistas e impedi-los de introduzir na sua obra o vício, a licença, a baixeza, o indecoro, quer na pintura de seres vivos, quer nos edifícios, quer em qualquer outra obra de arte? E, se não forem capazes disso, deverão ser proibidos de exercer o seu mester entre nós, a fim de que os nossos guardiões não venham a acumular um grande mal na sua alma”.<sup>31</sup>

Uma relação com o nazismo é possível estabelecer, quando este se propôs a eliminar a arte degenerada e manter apenas a edificante. O mesmo objetivo do comunismo que mantinha um controle absoluto da produção artística. Os regimes totalitários não suportam a liberdade artística.

A educação deve começar na infância, quando o espírito ainda não foi corrompido pelas ideias nefastas dos artistas e filósofos que não tem preocupações sérias com a verdade. O contato com o que é belo e bom vai moldando o espírito na forma adequada para o aperfeiçoamento da alma.

“Porém o juiz, meu amigo, governa a alma por meio da alma, à qual não convém desde nova ser criada no convívio com as almas perversas nem ter percorrido todas as injustiças, cometendo-as ela mesma, de modo a poder conjecturar com precisão, pelo seu próprio exemplo, os crimes dos outros, tal como avaliava das

---

28 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 400 a, p. 129.

29 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 398 b, p. 125.

30 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 398 e, p. 127.

31 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 401 b, p. 132.

doenças pelo seu corpo. Deve antes ser inexperiente e estar intacta dos maus costumes na juventude, se quer tornar-se perfeita”.<sup>32</sup>

Segundo o legislador, uma pessoa experiente não é a mais adequada para o exercício da justiça, pois escolado na arte da ludibriação, não se torna uma pessoa melhor, mas sim mais esperta e desconfiada. Alguém com esta experiência de vida se torna desconfiada, até mesmo das que são corretas. Não é este tipo que Platão quer como autoridade na República, mas sim pessoas bem formadas desde a infância, cuja alma não foi deformada pelo mal e prontas a obedecer os seus superiores, confiando neles inteiramente. O conhecimento do mal não deve vir por meio da experiência, que pode deformar a alma, mas sim por meio do saber

“Por isso — prossegui — o bom juiz não deve ser novo, mas idoso, tendo aprendido tarde o que é a injustiça, tendo-se apercebido dela sem a ter alojado na sua própria alma, mas tendo-a observado como coisa alheia nos outros, durante muito tempo, para que, servindo-se do saber, e não da experiência própria, compreenda o mal que ela é”.<sup>33</sup>

Platão desconfia das pessoas com experiência de vida. Ele sabe que estas já viveram o suficiente, já aprenderam o suficiente, para perceberem o quanto a sua República é perigosa para a liberdade de espírito, a liberdade política, as realizações pessoais e a criação artística. Por isso Platão precisa começar do zero sua utopia, formar os seus futuros cidadãos, pois só assim obterá sucesso “É nisto que, desde criança, todos devem exercitar-se em tempo de paz: comandar e ser dirigido”.<sup>34</sup>

O legislador se propõe a controlar até mesmo a alimentação dos guardiães, que precisam manter um corpo sadio e uma mente sã.

“É preciso uma dieta mais apurada para os nossos atletas guerreiros, que têm de estar sempre vigilantes, como cães, e porque precisam de ver e ouvir com toda a acuidade, e, apesar de experimentarem nas suas campanhas muitas mudanças de líquidos e de alimentação, solheira e intempéries, não devem ser de saúde vacilante”.<sup>35</sup>

### 1.10 A prática da eugenia

A República avança agora para a purificação não apenas cultural, mas também física de seus membros. Esta questão revela muito do que é possível em uma sociedade totalitária, como a proposta por Platão. Como não há liberdade alguma nesta sociedade,

---

32 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 409 a, p. 145.

33 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 409 c, p. 146.

34 Platão, **Leis**, Vol. XII – XIII, Universidade Federal do Pará, Belém, 1980, 942 d, p. 382.

35 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 404 b, p. 137.

quer seja de pensamento, política, sexual, social e cultural; o poder tudo pode sobre os membros da cidade. Uma purificação eugenística é perfeitamente possível e é proposta

“Dessa maneira, depois de uma legislação nos moldes descritos, estabelecerás na cidade uma medicina como a que definimos, para que ambas cuidem do corpo e da alma dos cidadãos bem constituídos; dos outros, não: deixarão perecer os que apresentarem defeito físico e determinarão a morte dos que se revelarem com a alma viciosa e irremediável”.<sup>36</sup>

Até aqui o legislador vinha realizando uma purificação cultural e, portanto, fazendo uma lavagem cerebral dos membros da república. Agora a purificação se volta para a eliminação dos membros indesejáveis, daqueles que não estão no padrão de qualidade preditados pelo legislador. A recomendação dele é que os doentes sejam abandonados a própria sorte, sem tratamento, e a condenação à morte dos que possuem uma “alma viciosa”, isto é, que não foi possível formar de acordo com o ideal de cidadão da república.

Uma proposta parecida aparece também no diálogo Leis, onde o ateniense comenta que pode ser necessário uma eliminação discreta dos adversários do regime. Na calada da noite, estes opositores seriam silenciados.

Quando trata da reprodução humana em sua República, Platão também pretende fazer uma purificação física de seu rebanho. Somente os rebentos saudáveis sobreviverão. Os defeituosos, fracos e originários de pessoas inferiores serão eliminados

“De acordo com os princípios estabelecidos, continuei, será preciso que os melhores homens se unam o maior número de vezes possível às melhores mulheres, e os indivíduos inferiores de um e de outro sexo só muito raramente o façam, devendo ser criados os filhos nascidos da união daqueles porém não os filhos destes últimos, se quisermos que o rebanho se mantenha sempre em excelentes condições”.<sup>37</sup>

É evidente que uma política desta gerará descontentamentos, por isso tudo será feito em segredo, para evitar revoltas. Estamos falando aqui de crias ocorridas já dentro de um processo de seleção onde se buscou os melhores para formar os guardiães. “Todas estas cautelas só devem ser conhecidas dos governantes, para que o rebanho dos guardas se conserve, tanto quanto possível, imune de rebeliões”.<sup>38</sup>

---

36 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 410 a, p. 154.

37 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 459 e, p. 217.

38 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 459 e, p. 217.

Novamente volta-se a questão do que pode ou não ser dito e dos privilégios do filósofo rei quanto ao que será revelado aos subordinados. O filósofo rei está acima do bem e do mal na República, podendo fraudar para atingir os objetivos almejados

*“A meu ver, precisaremos também inventar alguma modalidade engenhosa de loteria, para que os cidadãos inferiores atribuam ao capricho da sorte a responsabilidade de cada casamento, não ao arbítrio dos dirigentes da cidade”.*<sup>39</sup>

Os guardiões podem ser enganados quando for preciso. Não há lealdade do superior com relação ao inferior hierárquico, a fidelidade é de baixo para cima. A fraude cometida por um inferior será punida, mas não a de seu superior com relação a ele. A política tem necessidades que extrapolam os princípios, mesmo em um mundo idealizado.

*“Há o perigo de, com frequência, precisarem os governantes recorrer à mentira e à fraude, tendo em vista o bem dos governados. Disse algures que, considerado como remédio, esse recurso poderia ser-nos útil”.*<sup>40</sup>

### **1.11 O papel das mulheres na República**

As mulheres possuem uma posição social na República que é algo inusitado no mundo antigo. Não há nada parecido na sociedade grega, a exceção de Esparta, onde elas desfrutavam de uma autonomia superior à da ateniense. Como Platão se espelha nesta sociedade para construir a sua, as mulheres da República adquirem um novo status social.

*“Logo, não há na administração da cidade nenhuma ocupação, meu amigo, própria da mulher, enquanto mulher, nem do homem, enquanto homem, mas as qualidades naturais estão distribuídas de modo semelhante em ambos os seres, e a mulher participa de todas as atividades, de acordo com a natureza, e o homem também, conquanto em todas elas a mulher seja mais débil do que o homem”.*<sup>41</sup>

A igualdade entre os sexos liberta a mulher para uma convivência livre com os homens. O legislador precisa desta igualdade entre os sexos para alcançar outro objetivo, mais importante, que é a comunhão das mulheres. A partilha das mulheres é fundamental para outro objetivo ainda maior: o fim da família tradicional.

A família é um obstáculo para a realização do projeto de reengenharia social de Platão. A família possui uma autonomia que desafia o poder do Estado. Não há domínio absoluto da sociedade, enquanto não forem cortados os laços entre os entes queridos. A

---

39 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 460 a, p. 217.

40 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 459 a, p. 216.

41 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 455 e, p. 220.

fidelidade dos membros de uma família entre si pode se revelar invencível para as autoridades. Platão devia conhecer a história de Antígone, que arriscou a própria vida para enterrar o irmão, uma exemplar história de amor fraternal, afrontando a autoridade do estado. Uma atitude assim não seria admitida na República.

A lealdade dos membros da República deve ser com o estado, não com os seus familiares. A lógica aqui é implacável, mas correta. Laços de sangue costumam ser mais fortes do que os laços cívicos. O fim da família monogâmica permite ao estado a posse dos filhos gerados na República e a sua educação

“Que estas mulheres todas serão comuns a todos esses homens, e nenhuma coabitará em particular com nenhum deles; e, por sua vez, os filhos serão comuns, e nem os pais saberão quem são os seus próprios filhos, nem os filhos os pais”.<sup>42</sup>

A formação desta nova geração se dará de acordo com os interesses do poder constituído. A uniformização de pensamentos e atitudes se tornará mais fácil e eficiente. Numa comunidade assim não há nada para chamar de seu, tudo é comum. Uma despersonalização absoluta, reduzidos que são os guardas a sua pessoa, sem bens, mulheres, filhos, ficam inteiramente dependentes do seu mentor, o filósofo rei

“Ora esses, visto terem em comum as habitações e as refeições, sem que tenham qualquer propriedade privada, estarão juntos, e, ficando misturados, quer nos ginásios, quer no resto da sua educação, creio que por uma necessidade natural serão compelidos a unirem-se entre si”.<sup>43</sup>

As relações entre homens e mulheres não serão livres como se imagina. Aqui também haverá o controle do estado. Num estado totalitário como a República, nenhum ato é livre, nem as relações sexuais, por mais íntimo que se considere que seja o sexo. O estado está presente em todos os momentos da vida das pessoas; desde o nascimento até a morte, o cidadão será acompanhado, vigiado e punido se fizer qualquer coisa sem a autorização dos magistrados.

“Portanto, temos de instituir festas, nas quais juntaremos as noivas e noivos, e de executar sacrifícios, e os nossos poetas hão-de compor hinos apropriados à celebração dos sponsais. Quanto ao número de matrimónios, deixá-lo-emos a cargo dos governantes, para que mantenham o mais possível a mesma cifra de homens, tendo em linha de conta as guerras, doenças, e outras perdas semelhantes, e a nossa cidade não se tome, na medida do possível, maior nem menor”.<sup>44</sup>

---

42 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 457 d, p. 223.

43 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 458 d, p. 225.

44 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 460 a, p. 227.

Se no surgimento da República os filhos foram tirados dos pais aos dez anos, agora com a República constituída, os filhos dos guardiães serão tirados ao nascer e criados junto com os outros nascidos na mesma época, alimentados todos pelas amas, para evitar que os pais identifiquem quais são os filhos naturais. Não sabendo quais são eles, considerarão a todas as crianças como seus filhos. O filho gerado não é de seus pais, é do estado. Gerou-se um filho para a República.

O controle das relações sexuais se estenderá a idade, não podendo haver relações com chances de procriação entre guardiães muito jovens ou velhos com mulheres em idade de procriar. É uma sociedade sob controle absoluto. Se faz o que é permitido, não o que se quer. Os filhos nascidos destas uniões ilícitas serão amaldiçoados “e se ele forçar o caminho, em disporem dele, partindo do princípio de que tal ser não será criado”.<sup>45</sup>

“A mesma lei aplicar-se-ia a alguém que, estando ainda em idade de gerar, tocasse numa mulher na idade própria, mas sem que o governante os unisse. Diremos que esse homem apresentou à cidade um bastardo não autorizado e não santificado”.<sup>46</sup>

As mulheres são livres e iguais, mas não estão disponíveis para qualquer um, mesmo este fazendo parte da elite dos guardiães. O prazer desregrado não faz parte do mundo idealizado por Platão. Na verdade, é um mundo austero em todos os sentidos. Quase monástico. As mulheres foram emancipadas para que fizessem parte da guarda e gerassem filhos saudáveis, fortes e temperantes para formarem a elite da República.

### **1.12 A educação dos filósofos governantes**

A formação da elite governante da República demanda muito tempo: quarenta anos. Quase uma vida. É preciso vocação, muita dedicação, força de vontade para que alguém se empenhe num projeto desta magnitude. Platão comenta que são raríssimos os filósofos autênticos.

A seleção destes já vinha sendo realizada desde a separação das crianças de menos de dez anos de seus pais, na criação da República. Quando do funcionamento da República, eles seriam selecionados ao nascer, na casta dos guardiães. O povo não participaria mais deste processo seletivo, banido para sempre da elite da República. Povo é povo e nobreza é nobreza. Embora Platão, um aristocrata cioso de seu status social, saiba que um Sócrates possa surgir entre o povo, mas é exceção.

---

45 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 461 c, p. 228.

46 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 461 b, p. 229.

Platão prefere não contar com a sorte das exceções. Os talentos existem e é preciso garimpá-los e lapidá-los até que brilhem. Seu projeto político almeja esta façanha: salvar os jovens antes que sejam corrompidos pela sociedade. Platão lembra Rousseau com esta ideia de que os homens nascem bons e a sociedade os corrompem.

Depois de vinte anos sendo educados, já é possível definir os que possuem talentos inatos para a filosofia. Aqui nós temos a nata da nata, homens que aos trinta anos podem ser iniciados no exercício da dialética. Eles possuem virtudes que fazem parte da configuração de um filósofo autêntico

“Será então possível censurar, sob qualquer aspecto, uma ocupação tal que nunca ninguém será capaz de a exercer convenientemente, se não for de seu natural dotado de memória e de facilidade de aprender, de superioridade e amabilidade, amigo e aderente da verdade, da justiça, da coragem e da temperança?”<sup>47</sup>

Os que foram selecionados para a tarefa de filosofar precisam ainda passar por uma lapidação, antes de assumirem um cargo na República. Não basta ter talento, é preciso que demonstrem que são capazes de persistência, de amor pelo conhecimento.

“Logo, meu amigo, ele tem de ir pelo caminho mais longo, e que não se esforce menos nos estudos do que nos exercícios físicos; ou então, como ainda agora dissemos, jamais atingirá o fim da ciência, que é a mais elevada e a que mais lhe convém”.<sup>48</sup>

Serão mais vinte anos de estudo para que o aspirante a filósofo veja concluída a sua formação. Atingindo este patamar, ele deverá ser capaz de ascender a essência das coisas, que está no mundo das ideias, apreender o ser, o bem, a justiça. Platão deve ter chegado lá, já que se apresenta como o legislador da República. Neste nível de evolução intelectual, o filósofo não se importa mais com aquilo que constitui os interesses dos mortais comuns: riqueza, poder, vaidade, prazeres do corpo, a beleza, a força física e tudo o mais que se apresenta como forças corruptoras do caráter, como a covardia, a cólera, a desmedida.

“Mas aquele que possuir um espírito superior e contemplar a totalidade do tempo e a totalidade do ser, supões que é capaz de julgar que a vida humana tem grande importância? Uma pessoa nessas condições tão-pouco terá a morte na conta de uma coisa terrível”.<sup>49</sup>

---

47 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 487 a, p. 270.

48 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 504 d, p. 301.

49 Platão, **A República**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9a Edição, 1949, 486 a, p. 268.

Ele está pronto para ser submetido ao último teste, que é a sua apresentação a realidade inferior deste nosso mundo, isto é, a sociedade. Ele precisa provar que é capaz de resistir, de permanecer intocável às corruptoras forças do mal, que não existem como um ente, mas estão presentes em nosso ser, que é a fraqueza de nosso espírito, que se deixa atrair pelos desejos das coisas deste mundo inferior, podendo corromper-se até o extremo de se tornar uma coisa entre as coisas.

### **1.13 O filósofo rei**

Superando o seu último teste, o filósofo rei está pronto para assumir o poder na República. Mas quem é, realmente, este senhor da vida e da morte de seus súditos? Preparado durante tão longo tempo para assumir o poder, talvez a mais longa formação de um líder na história da humanidade, com um perfil tão puro, o filósofo rei pode ser implacável para com os seus concidadãos.

Pronto para contemplar as essências, o filósofo rei governará a partir de um ideal que transcende o nosso mundo. O custo de um ideal deste tipo pode ser alto para a maioria dos mortais. Pode custar sua liberdade ou até mesmo a sua vida.

Criado e formado pela ideologia platônica, o filósofo rei governará baseado no conceito de justiça de seu mestre, isto é, cada um saber qual é o seu devido lugar na sociedade. Sua formação operou nele uma lavagem cerebral. Aprendeu sobre o mundo o que Platão queria que aprendesse. Nunca foi devidamente testado, pois todos que pensavam diferente foram banidos da República. Viveu numa sociedade de pensamento único. A República foi devidamente isolada do mundo. Uma fortaleza, imóvel no tempo, justa, perfeita.

O filósofo rei é um ser especial, um escolhido, a mais alta expressão da perfeição física e intelectual da República. Não tem família, nem bens, um autêntico filho da cidade ideal; sem passado familiar, sem tradições, inaugurando um novo tipo de homem.

É um imaculado. Talvez a característica mais terrível desta criatura. Forjado para liderar dentro de um conceito muito estreito de justiça, este iluminado, que alcança com sua mente poderosa as formas, as essências, pretende levar a República a redenção.

### **1.14 Considerações sobre o legislador da República**

O legislador da República de Platão, Sócrates, foi também o seu mentor. Sócrates não era o que se pode considerar uma pessoa que cultivasse a virtude da humildade. Quando se apresentou no tribunal, que o julgava pela acusação de corromper a

juventude, ostentou uma arrogância que decidiu a sua sorte. Não foram poucas as provocações de Sócrates aos juízes, como quando se apresentou como um enviado do deus de Delfos, para torná-los virtuosos. Mas a mais significativa declaração de Sócrates sobre a política se encontra no diálogo *Górgias*, por expressar sua ideia de que o poder deve ser daquele que sabe, isto é, ele próprio “Dos atenienses, creio, sou um dos poucos, para não dizer o único, a cultivar a verdadeira arte política; a praticá-la hoje em dia, o único”.<sup>50</sup> Se esta for realmente a voz de Sócrates, seu discípulo Platão, ao compor a *República*, é um digno herdeiro de suas ideias.

A política em exercício na *República* é a política de um homem só, daquele que sabe. O legislador é o senhor absoluto de seu reino, lembrando o rei Luís IV quando disse: “o estado sou eu”. Mas em Platão, o legislador vai além do estado e se apossa da sociedade e do pensamento de seus súditos. Ele poderia dizer: “A *República* sou eu”.

Se levarmos em conta que o filósofo rei ainda não foi formado, pois a *República* não existe, o legislador, que elaborou tão meticulosamente esta utopia, seria a expressão real desta futura criação da cidade ideal. Não basta para este legislador dominar a sociedade, ele precisa que os membros dela pensem como ele. Seria vulgar Platão se comportar como mero ditador. Isto qualquer um poderia ser. Platão pretende criar uma sociedade que, não só se orienta por suas ideias, mas que pense como ele, a expressão de sua vontade.

Sócrates, por tudo o que representa para Platão, como mestre e exemplo, seria a escolha ideal deste para ser o legislador da *República*. Sócrates provou sua coragem e lealdade para com seus companheiros, quando em batalha. Tinha uma integridade moral excepcional, quer seja como pessoa, quer seja como cidadão. Quando desafiado pelo tribunal a se dobrar ao poder constituído de Atenas, soube enfrentar com dignidade e coerência moral o seu destino. O Sócrates legislador da *República* é o exemplo do que seria o filósofo rei da cidade ideal de Platão.

---

50 Platão, *Górgias ou a Oratória*, Ed. Brasiliense, Rio de Janeiro, 1989, p. 193.

## **CAPÍTULO II - PROCEDIMENTO DIDÁTICO PARA APLICAR ESTE CONTEÚDO EM SALA DE AULA**

### **Plano de Aula**

A República de Platão

Ensino Médio

Série: 2º ano

Disciplina: Filosofia

Professor: Valdinei

Duração estimada: 6 aulas

### **Tema**

Análise da utopia platônica

- O que é utopia? Como Platão concebe a política? A relação da concepção política de Platão com a nossa época.
- A República como uma sociedade totalitária. A relação entre a República de Platão e Esparta. O filósofo rei e o príncipe de Maquiavel. Os regimes totalitários de nossa época: nazismo e comunismo.

### **Objetivos**

- Analisar os objetivos de uma utopia: o controle político, social, artístico, educacional, sexual; a eugenia, a eliminação das almas viciosas.
- Analisar o contexto histórico em que vivia Platão; as tentativas de Platão em efetivar sua utopia com alguns tiranos da época.
- Observar a diferença entre o controle social da República e a liberdade política em uma democracia.
- Interpretar textos, dados e informações, relacionar informações entre si, desenvolver o senso crítico.

### **Desenvolvimento do tema**

Estratégias: pesquisa, análise da obra platônica, aula expositiva, diálogo com as turmas, textos e questionários impressos, exposição dos resultados em sala de aula.

**Recursos didáticos**

Internet, vídeos, quadro, texto impresso e questionário.

**Avaliação**

Avaliação contínua, participação dos alunos, atividade individual e de equipe.

**Bibliografia**

A República, Platão

Resumo da República para análise dos alunos.

## **CAPÍTULO III - RESULTADOS OBTIDOS COM O TEMA EM SALA DE AULA**

A análise da República de Platão foi realizada com 5 turmas do 2º ano do ensino médio, sendo quatro turmas do ensino regular e uma da Eja. No total, 70 alunos participaram da atividade. As respostas por escrito, pois muitos não comentam nada durante a aula, permitiram fazer um levantamento estatístico das opiniões. O resultado aqui apresentado está baseado nas respostas dadas às questões apresentadas aos alunos como uma atividade escolar normal, mas cujas respostas não seriam avaliadas pelo critério de certo ou errado, pois o objetivo era apenas saber o que eles pensavam desta sociedade utópica. Foi oferecido na atividade um pequeno texto para servir de subsídio para cada questão da atividade.

Os alunos dependeram muito do que o professor trabalhou com eles em sala de aula. Os recursos didáticos são escassos. Nenhum dos alunos jamais leu uma obra de Platão ou de qualquer outro pensador. Assim como nenhuma destas três escolas tem biblioteca. Duas não tem sala de informática. Portanto, não houve pesquisas ou leituras relevantes sobre o tema tratado.

### **3.1 Análise da atividade**

Analisando as respostas dadas a atividade proposta, foi possível tirar algumas conclusões significativas quanto a formação de nossa juventude, que reagiu bem, de acordo com os valores mais caros do humanismo.

Começando com a relação que Platão estabelece entre sua República e o mundo das ideias, que seria basicamente organizar e governar a sociedade tendo como referência um mundo superior, espiritual, a maioria considerou que não se deve misturar política com religião: 65% foi contra, dois não souberam opinar e os demais consideraram que teríamos um mundo melhor se tivéssemos o mundo espiritual como referência.

Quanto a reforma da sociedade ser feita por apenas um legislador, aquele que sabe, como diz Platão, apenas 5 concordaram com Platão e dois se mostraram indiferentes com quem a faria. Os demais alegaram que como a reforma afetaria a todos, o povo precisa ser consultado.

O governo dos filósofos tem a simpatia da maioria, que demonstrou confiança nos sábios. Mas 40% disse que não e alguns aventaram a ideia de que o poder acabaria por corrompê-los também, outros de que suas ideias são ultrapassadas. Um apenas ficou indeciso.

Já quanto a ideia de que o governante possa mentir por questão de segurança ou para o bem comum, somente 7 concordaram com ela. Alguns demonstraram indignação com a ideia da mentira necessária para o bem comum.

Se eles se consideram em condições de tomar decisões sensatas em política, a maioria respondeu que não. Alegaram que não tinham as informações e o preparo adequado para isto. Mas 40% disse que poderia agir com sensatez na política.

Quanto a classe social da República em que se considerariam dispostos a fazer parte, levando em conta o tempo de estudo e os interesses e aptidões, a maioria, 51%, optou pelo povo. Mas Platão não teria dificuldade em formar sua guarda, pois 36% faria parte deste segmento social e 13% estaria disposto a ir em frente e fazer parte da elite. Quando informados de que teriam de estudar 40 anos, o grupo se reduziu a 5%, mesmo assim consideraram um exagero estudar tanto tempo.

Com relação a ideia de Platão de o estado criar e educar os filhos dos cidadãos da República, só teve a anuência de um estudante. Este ainda tinha escolhido ficar na classe do povo. Os demais rejeitaram a ideia, alguns veementemente.

Quanto a censurar as obras de arte, 55% foi contra. Alguns suspeitam das intenções do governo ao censurar. Do apoio a censura, 35%, nem sempre é um apoio incondicional, pois depende da obra. Alguns deram uma resposta tão confusa que não deu para saber o que pretendiam realmente.

Já quando se trata da censura de obras de arte que tratem de maneira livre os temas religiosos, 68% foi contra a censura. 13% foi favorável a censura. A maioria é contra a censura por temer que o governo queira impor sua concepção religiosa à sociedade. Eles são ciosos de sua liberdade religiosa.

Quanto a seriedade na República de Platão, de onde o riso seria banido, os adolescentes não viram sentido. Somente um apoiou a censura a comédia e dois deram respostas tão confusas que não foi possível definir a posição. A maioria considerou o humor fundamental e um absurdo bani-lo.

Quando se tratou das obras de arte edificantes, moralistas, com vistas a tornar as pessoas melhores, 80% foi contra. Eles não gostaram nem um pouco da perspectiva de uma arte do bem, controlada pelo governo.

O controle da música, privilegiando as músicas cívicas, causou uma reação mais contundente. Unanimemente foram contra. Ninguém sequer aventou a ideia de que algum tipo de música pudesse ser censurada.

Quanto a ideia de que o estado é livre e o cidadão não, teve o apoio de apenas um aluno. Os jovens já estão corrompidos pela democracia. Querem participar das decisões e quase de forma absoluta eles foram contra a liberdade dos governantes em decidir as suas vidas.

Assim como a ideia de Platão de que cada um deve se ater ao seu papel social e não se meter onde não entende, por não ter formação, conseguiu o apoio de 7 estudantes. Estes consideraram que a ignorância pode ser um bom motivo para banir alguém da participação política.

A ideia de que um imaculado seria melhor juiz do que uma pessoa experiente teve o apoio de 37%, enquanto 63% considerou que uma pessoa experiente tem mais discernimento para ser magistrado.

A eugenia quase teve unanimidade em sua rejeição. Somente 1 concordou com ela. Mas mesmo assim, ele considerou que não apenas os deficientes, mas toda a humanidade devia ser esterilizada e desaparecer da face da terra.

Quanto a questão da lealdade na República, apenas 4 aceitaram a deslealdade do superior com relação ao inferior. Consideram a falsidade um elemento desagregador, pois o enganado perde a confiança em seu superior.

### **3.2 Considerações sobre a atividade em sala de aula**

Platão tinha razão ao considerar que os jovens já estão corrompidos pela família e a sociedade de que fazem parte. Teria um duro trabalho para reverter esta formação. Faz sentido a sua ideia de que precisa formar seus próprios cidadãos. Os jovens recusaram sua concepção de república. A utopia platônica não encontrou ressonância em uma juventude formada em valores relacionados ao liberalismo, à democracia, ao socialismo e ao cristianismo.

A democracia grega também tinha sérias ressalvas a atividade filosófica, como o próprio Platão comenta na República. A condenação à morte do legislador da República, Sócrates, é o exemplo mais claro de que suas ideias políticas eram vistas como uma ameaça a sociedade ateniense. Sócrates foi condenado sob a acusação de corromper a juventude. Havia, portanto, um público que se orientava por suas ideias. Platão era um destes discípulos. Se as ideias políticas de Platão refletiam as ideias de seu mentor, os atenienses tinham razão em se preocupar com o que Sócrates ensinava à juventude.

## CONCLUSÃO

A República iniciou-se com um simples debate sobre o que é a justiça, desdobrou-se num projeto de reforma da sociedade e ampliou-se num projeto de transformação do ser humano, tanto no aspecto físico quanto intelectual. O projeto é tão ambicioso que só encontro paralelo, no mundo antigo, no cristianismo, que visava, não tanto a reforma da sociedade, mas do próprio homem. Cristo foi mais eficiente na difusão de suas ideias, mas não mais eficiente na transformação do homem. Assim como o projeto de Platão, o seu era para poucos. O projeto platônico de reforma da sociedade e do homem seria retomado em nosso tempo pelo marxismo, com suas devidas especificidades. Todos fracassaram. O ser humano tem-se revelado refratário aos moldes em que se tenta enquadrá-lo. Nenhum destes utópicos jamais pensou em consultar seus semelhantes sobre o projeto que haviam elaborado para eles.

A República é uma utopia cujos objetivos transcendem o nosso mundo. É um projeto metafísico. Platão se espelha no mundo das ideias para criar sua sociedade, um mundo verdadeiro, essencial, do qual somos apenas um reflexo, uma sombra. A vida humana, para este tipo de projeto, não tem valor. Não quer dizer nada. Segundo Platão, seriam necessárias umas mil encarnações para que a alma consiga retornar ao mundo das ideias. O que é uma encarnação entre mil? Pode muito bem ser sacrificada pelo bem comum. Se avaliarmos pelo conceito de eternidade então, seu valor desaparece.

Compreende-se, pela ideia de transcendência de Platão, o seu menosprezo pela vida humana. A alma está prisioneira em um corpo sujeito a degeneração. É a alma que precisa ser cultivada. A prática da eugenia está de acordo com esta concepção metafísica. Daí não lhe causar nenhuma espécie o infanticídio, tanto das crianças defeituosas quanto das consideradas inferiores por causa da bastardia. O corpo é eliminado e a alma liberta dele pode se reencarnar noutra mais saudável. O essencial não se perde, que é a alma. Uma alma “viciosa”, ao se reencarnar, pode encontrar o ambiente ideal de formação. É mais fácil educar do que reeducar.

Outra característica que se pode observar da República é que Platão não pretende fundar um império. Sua República precisa se manter em um tamanho moderado. Uma expansão impediria um controle social eficiente. O objetivo da República não é estabelecer o reino das formas na terra, mas preparar a alma para o reencontro com sua dimensão própria. Todo sacrifício é válido para alcançar o paraíso das ideias. Os que se

aplicarem no exercício da virtude e da justiça alcançarão mais rápido esta ascensão da alma.

Devido a seu ideal de racionalidade e de perfeição, a República é uma sociedade que tende a ser implacável com os seus cidadãos. Seus membros não devem se preocupar com riquezas, poder, fama, prazeres; mas sim com o aperfeiçoamento de seu espírito, a busca pelo conhecimento, a verdade, a justiça. Uma República de filósofos. Nada de vaidade, desperdício de tempo, fraqueza, preguiça, covardia, libertinagem ou qualquer desvio de conduta. Ninguém é senhor de sua própria vida. A submissão dos membros da República deve ser absoluta aos seus princípios racionais.

Neste aspecto, Platão tem razão em dizer que não existe nada parecido com sua cidade no mundo e que, entre as nações, a sua seria a mais excelsa. O preço, no entanto, é alto para alcançar esta excelência. Uma República fundada em princípios eugenísticos, buscando a formação de uma humanidade física e intelectualmente superior, com homens dispostos a morrer por suas ideias, como o seu mentor, formados ao longo de décadas, que respondem a uma só voz a seu guia, o filósofo rei, constitui algo que nunca se viu antes na história. Uma nação onde todos se veem como membros de uma família. A República de Platão supera Esparta nesta sua impecável união de força e pensamento.

Aqui também é possível fazer uma comparação entre o filósofo rei e o príncipe de Maquiavel. O príncipe é um ditador que conquistou o poder ou o herdou e busca mantê-lo a qualquer custo. O filósofo rei é, em sua configuração, mais complexo do que o príncipe. O filósofo rei foi selecionado eugenisticamente, formado ao longo de 40 anos para ser um guia de seu povo, um imaculado, criado e educado para ver os mais velhos como seus pais e aos demais como seus irmãos, ele é o Grande Irmão de George Orwell. Uma República que se formou como uma irmandade, com princípios éticos e intelectuais muito acima de meros interesses econômicos, é muito superior a um principado formado circunstancialmente. Enquanto o príncipe depende da fortuna, o filósofo rei não precisa dela, pois sua República é, em seus fundamentos, uma grande família. Irmãos são mais leais entre si do que cidadãos e mercenários.

A utopia platônica consegue também, outro feito, que é instalar o discurso racional no centro do poder da República, como expressão última do ser. A filosofia finalmente suplantará a poesia como expressão da verdade. Os poetas não serão mais os fundadores das cidades gregas. O tempo da poesia como expressão do divino, acabou. A era da racionalidade pode, enfim, se impor.

## REFERÊNCIAS

- Cassirer, Ernest, O mito do Estado, Editora Codex, São Paulo, 2003
- Goldschmidt, Victor, A Religião de Platão, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970
- Platão, A Apologia de Sócrates, Vol I, Universidade Federal do Pará, Belém, 1980
- Platão, A República, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9<sup>a</sup> Edição, 1949
- Platão, Górgias ou a Oratória, Ed. Brasiliense, Rio de Janeiro, 1989
- Platão, Leis, Vol. XII – XIII, Universidade Federal do Pará, Belém, 1980
- Popper, Karl R. A Sociedade Aberta e Seus Inimigos, Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, 1974
- Russell, Bertrand. História da Filosofia Ocidental, Ed. Livros Horizonte, S. Paulo, 1961